



FNLIJ

Seção Brasileira do International Board on Books for Young People **iBbY**

DESDE 1968

Notícias 6

www.fnlij.org.br

O Despertar da Leitura – Jogos e Implicações

Françoise Fontaine

Direito das crianças, direito à infância

Problemas e necessidades das crianças: despertar para o pensamento

Deveres dos adultos, dever de atenção em relação à criança

Mediação: compartilhar e transmitir num tempo lúdico e fecundo

Responsabilidade e dever das bibliotecas

Formar e envolver os parceiros; dar referências da produção

O **Notícias 6** traz para você leitor o texto das palestras que a bibliotecária francesa Françoise Fontaine proferiu no ano passado no Brasil, a convite da Fundação Nacional do Livro para Crianças e Jovens, da Superintendência de Bibliotecas Públicas, unidade da Secretaria de Cultura de Minas Gerais e da Fundação Biblioteca Nacional.

Françoise é membro do Conselho Administrativo da *Actions Culturelles Contre les Exclusions et les Ségrégations – A.C.C.E.S.*, instituição criada em 1982 que tem como objetivo incentivar o contato com o livro e sua leitura para a primeira infância (bebês e crianças de 0 a 6 anos) e suas famílias, através de parcerias com bibliotecas, principalmente em regiões de grande exclusão social.

Atualmente, Françoise coordena o *PRIL – Pôle Ressources Intercommunal Lecture* – em Mureaux, que promove a leitura entre crianças e adolescentes.

Em sua passagem pelo Brasil, Françoise participou do *Seminário Leitura e Biblioteca: experiências francesas*, em Belo Horizonte; do *Encontro Nacional do PROLER* e do *Natal com Leituras*, ambos no Rio de Janeiro e falou sobre a importância de dar acesso as crianças, desde muito cedo, ao livro e à leitura e da presença do adulto como mediador.

O encontro buscou valorizar a biblioteca pública como o espaço da educação e da leitura permanente e a importância do incentivo da leitura literária para crianças desde muito cedo.

A FNLIJ, sabendo da importância do contato das crianças com o livro e a literatura desde o berço, destinou o segundo dia do *12º Seminário FNLIJ de Literatura Infantil e Juvenil* para reflexões sobre esse tema. Assim, nesta 12ª edição do *Salão FNLIJ do Livro* foi criada a *Biblioteca FNLIJ para Bebês*. As imagens que ilustram a palestra da Françoise foram tiradas durante o *Salão FNLIJ*, nessa biblioteca.

A bibliotecária francesa Françoise Fontaine falando sobre a importância da literatura para crianças, desde o berço, no *4º Natal com Leituras na Biblioteca Nacional*, com a mediação de Laura Sandroni, uma das fundadoras da FNLIJ.





1. Direito das crianças, direito à infância

1.1. Proporcionar condições para que a criança possa desenvolver seu pensamento

Antes de ser educada [formalmente], a criança deve ser incentivada a pensar. Esses são os fundamentos que devemos construir, os fundamentos de uma cultura, de um bem-estar, de um saber ser e também de uma aprendizagem. Segundo Winnicott: “isto constitui um suporte”.

A leitura na pequena infância não visa a uma aprendizagem precoce nem à formação de um superbebê performático. Quando oferecemos às crianças livros com muitas imagens, em espaços como creches, salas de espera de Postos de Saúde, em casa ou nas escolas de Educação Infantil, o objetivo é, na realidade, “tornar o mundo mais compreensível, transmitir a importância da linguagem, da beleza, da poesia, possibilitar a oportunidade de compartilhar, de brincar, para ajudá-las a crescer, sonhar, se formar, amar e ser” (P. Ben Soussan, pedopsiquiatra). Ainda, segundo P. Ben Soussan, “o tempo dedicado à leitura com uma criança pequena é como colocar moedas em um cofrinho”.

Tony Lainé, um dos três fundadores da A.C.C.E.S. (*Actions Culturelles Contre les Exclusions et les Ségregations*), fala sobre a *implantação cultural* que vai permitir que a criança se sinta autorizada a estabelecer relações com o mundo da cultura, da criatividade. Em resumo, é uma impregnação cultural que vai se tornar um húmus, que vai preparar o terreno para as aprendizagens. Segundo T. Lainé, “as crianças não nascem desiguais, elas se tornam desiguais”.

“As crianças têm tudo, exceto aquilo que lhes é retirado (...)” (Jacques Prévert).

1.2. Inserir a leitura nas atividades lúdicas

Ler livros com muitas imagens é uma oportunidade para se falar à criança pequena com uma abordagem específica, de maneira gratuita, gratificante e lúdica, em um ambiente descontraído, onde se cria o bem-estar. Criar um ambiente favorável e estabelecer relações para que a criança possa se sentir segura e, dessa forma, prepará-la para ouvir, são atos fundamentais da leitura.

“A criança lê no rosto do adulto que se dirige a ela” (Evelio Cabrejo Parra fala sobre a *gramática do rosto*), e aprende a ler a voz, a entonação. A criança percebe que estamos falando com ela. Cria-se,

portanto, uma situação de bem-estar: a criança percebe o discurso, a leitura, como uma atividade lúdica.

Essa relação íntima é a fonte do despertar para a leitura. Ao trabalhar com um grupo de crianças, é a intimidade que vai ser privilegiada. Lemos para um pequeno grupo (em geral esse pequeno grupo é interativo, e é melhor assim!), um livro com muitas imagens, que a criança escolheu livremente. Lemos, inicialmente, para ela.

Devemos deixar a criança escolher seus livros, apreciá-los e depois manuseá-los (arrumá-los, empilhá-los, folheá-los, tentando imitar os adultos), deixar que ela interrompa a leitura. Esta leitura é um prazer contagiante, tanto para a criança como para o adulto que, por sua vez, também aprecia a leitura e a surpresa da criança. Esta é uma relação privilegiada, em que a criança se agacha perto do adulto para compartilhar um livro, como se compartilha um segredo. São momentos de ternura e de cumplicidade.

O adulto deve demonstrar ternura, cumplicidade, atenção e disponibilidade para que esta atividade seja feita de maneira lúdica, como um jogo compartilhado, e não como uma imposição ou uma leitura intencional, o que submeteria a criança ao desejo do adulto. Propomos, oferecemos e transmitimos, dando um pouco de nós mesmos.

O adulto deve aceitar o percurso pessoal da criança, que pode não ser uma linha reta, e a singularidade de sua experiência, para lhe permitir exercer seu raciocínio e crescer, construir-se como indivíduo. O poder essencial do jogo livre vai permitir que a criança “se torne um ser humano completo, desejado como tal e acolhido pelo mundo em sua totalidade” (Winnicott).

Inserção da leitura no prazer (um prazer portador de vida, portador de frutos) desde cedo, e para sempre: que seja para sempre, desejo e necessidade, apetite. Mais tarde, quando chegar à idade adulta, como ela terá crescido com histórias,

terá contraído uma dívida: o desejo de transmitir e de partilhar.

1.3. Tudo começa pela voz, pela palavra

No início é o “cara a cara”, quando a criança aprende a gramática da face, quando se faz, lentamente, o trabalho silencioso da representação do outro pela voz, pelo carinho, como no ritmo das refeições. O bebê se torna capaz de lembrar. A partir dos 4 meses, ele se interessa por aquilo que lhe é mostrado nas atividades compartilhadas, em uma triangulação: o adulto instala essa ideia quando mostra à criança o mundo exterior, e o olhar em conjunto substitui o “cara a cara”.

Em seguida, a criança passa a ser aquela que mostra, e a linguagem se constrói, pois ela se sente ouvida. A linguagem é criada e é necessário utilizá-la para escutar, fantasiar, sonhar.

A linguagem é um dos mais belos jogos da infância. Ela representa a exploração, o reconhecimento de sons e de ritmos. Para o bebê, o ritmo é a vida. Ele é predominante. As pulsações falam ao corpo.

As primeiras cantigas infantis, os jogos com os dedos, as pequenas frases rimadas com brincadeiras que envolvem o corpo da criança são fontes do imaginário e do lúdico. Pais e bebês entabulam uma relação a dois: a criança se vê contando e interpretando uma pequena narrativa sobre seu próprio corpo. A linguagem é, ao mesmo tempo, verbal e corporal.

As cantigas infantis, pequeno gênero oral transmitido de geração em geração, se situam no registro da oralidade. “São um convite à criação. Sua brevidade e vivacidade estimulam o raciocínio, aguçam a inventividade. O ritmo, as rimas, a música oferecem um cenário onde se tem vontade de brincar com as palavras” (M. C. Bruley em *Au bonheur des comptines*. Ed. Didier). Essa descoberta a dois, ou com várias pessoas, dá à criança alegria e a impressão de poder: é fonte

de conscientização e de apaziguamento.

Primeiras imagens, primeiras classificações: o vínculo se forma entre as imagens que se opõem (mímicas de bebês que ora formam oposições, ora se assemelham). Temos, frequentemente, um ritmo binário (o ritmo cardíaco da mãe), a cadência do passo a passo, sempre no ritmo da cantiga.

Em seguida, chegam os primeiros textos escritos que lemos para as crianças e é por meio da tradição oral que elas descobrem esses textos. Antes de qualquer coisa, é uma língua que se escuta pelo prazer que isto proporciona.

Primeiras narrativas curtas, lineares: primeiras histórias musicais, ritmadas, que cantam. Aqui, ainda, antes do tema, temos algo de mais físico: o ritmo, a respiração, predomina. Pequenos contos cumulativos (refrões e repetições) ofe-

recem surpresas para chamar a atenção da criança. Ela é apresentada à noção da narrativa, sendo cativada pelo fio condutor da história.

Bem no início, como a mãe que fala ao recém-nascido em uma espécie de *ilusão antecipatória*, faz-se com que chegue aos ouvidos da criança a linguagem da narrativa que, naturalmente, é a linguagem do contar, a que permite relatar, de forma completa, associativa, em que todo o sentido é compreendido na frase.

A linguagem da narrativa difere da linguagem fatural, impositiva, aquela do imediatamente útil, da transmissão funcional. Depois, no segundo ano, quando chega a idade da motricidade, a linguagem da narrativa é bem menos empregada.

Uma língua que se escuta pelo prazer, palavras que são saboreadas, signifi-



ficações para as quais as hipóteses são forçadas, um discurso que impregna e que passa a ser familiar. A linguagem da narrativa permite contar e recontar um enunciado com uma sintaxe bem estruturada, com um começo e um fim. É a linguagem do diferido, podemos contar no passado, no futuro, ou no condicional, projetos, lembranças e sonhos. Para isto, existe um importante patrimônio de literatura oral voltado para a infância.

1.4. A criança irá à procura do sentido

Os livros levam as crianças pequenas, desde cedo, a pensar. Esse despertar cultural com o livro, no cotidiano, vai permitir que a criança esteja sempre em busca do sentido. Seu pensamento vai poder se estruturar e ela terá condições de escolher, desde esta época, suas próprias referências, seu próprio percurso.

As imagens justapostas ora se opõem, ora se respondem, ora se repetem, ora se correspondem. É a associação, a observação das pequenas diferenças, que faz pensar. É o que chamamos de processo de associação. Antes de antecipar, a criança espera o mesmo, o que é semelhante, ou o que é diferente. Ela aponta, enumera e descobre o lugar de cada coisa e, dessa forma, entenderá que ela também tem seu lugar nessa ordenação, e então se tranquiliza.

As palavras irão, aos poucos, fazer sentido. Cada livro é relido. A criança vai aprender a colocar as emoções em palavras. O livro é o porta-voz. A criança associa imagem e palavra. De cada livro fica alguma coisa e a criança aumenta seu léxico mental.

As imagens ajudam a criança a entender as palavras cujo sentido ela ainda não compreende, mesmo que aprecie os sons desconhecidos, estranhos às vezes. A ilustração se junta à narrativa para intrigar, divertir o leitor. O ilustrador conta a seu modo, instiga, diverte.

As histórias vão ajudar a criança a evoluir na reflexão lógica, com narrativas que têm um começo, um final, um desdobramento, em que imagens, repe-

tições e refrões agem como referências, são pedrinhas semeadas pelo caminho para não se perder. Cada leitura é um convite a memorizar, recapitular, religar, antecipar. A criança vai construir o fio condutor da história, vai perceber o fio do discurso que encadeia as ideias.

Quando entramos desse modo na literatura, nós nos enriquecemos com palavras para nomear o que sentimos e o que descobrimos. *Temos as palavras para dizer*. Descobrimos imagens e metáforas que falam de outra maneira sobre sentimentos e coisas conhecidas ou ainda não desvendadas. O livro prepara e torna inteligível o não-visível por meio de suas imagens e de suas metáforas, abre as portas para que os mais jovens entrem na literatura, no mundo da arte e da criação.

A criança entra, desde cedo, em um processo de construção do sentido. Não é um bebê performático, mas um bebê competente. E a criança bem pequena começa a gostar de sua própria atividade mental, a desejar entender, descobrir, penetrar nos mistérios, se lembrar. A linguagem e as imagens que se misturam às palavras permitem a construção da psique. “Deslocamento progressivo do prazer: do jogo à brincadeira (do *play* ao *game*)” (Evelio Cabrejo Parra).

1.5. O despertar para a vida e para o mundo

O despertar se faz através das histórias. Ler e escutar histórias nos possibilita compreender alguma coisa de si próprio e do mundo. “Desmistificar hoje, e imaginar amanhã” (Yvonne Chenouf).

“As histórias trazem muitas aventuras para viver, por meio delas as crianças vão tentar viver, viver a prática” (Daniel Goldin, editor, México). Elas vão brincar de viver para melhor superar seus medos, como também para se abrir aos outros e ao mundo, para se construir intelectual e emocionalmente.

As histórias vão ajudar a criança a se conhecer. O livro é um espelho: a criança se identifica e revive, através desse herói que se parece um pouco com ela,

suas angústias, para melhor compreendê-las e superá-las em histórias que têm suas raízes na experiência vivida por ela mesma (separações, impedimentos, proibições). A criança pode se questionar ou reagir e ser levada a resolver seus problemas através do jogo.

As histórias vão acompanhá-la em seu desejo de crescer, vão estimulá-la a pensar, a procurar compreender o mundo, para mais tarde ter vontade de transformá-lo. O livro é *uma janela*.

Temos acesso à reflexão sobre o mundo através do sonho e da poesia. “O sonho inaugura, o sonho é precursor” (G. Bachelard).

1.6. Imaginar, sonhar, brincar com o imaginário

A leitura das histórias, “espelhos” ou “janelas”, vai fazer frutificar a imaginação e a capacidade de sonhar da criança: serão criadas, aos poucos, imagens mentais, representações, um poder de distanciamento da realidade, um poder de *examinar* a vida e de sonhá-la, uma capacidade de inventar e de criar, porque com a narrativa estamos no registro do *como se* e do *inventado*, em que se aprende a jogar com a realidade para encontrar sua verdade.

Tony Lainé, retomando o discurso de Winnicott, fala da aplicação, desde muito cedo, do *espaço potencial*, o espaço do jogo do imaginário, da criatividade, do gosto do outro, entre o espaço exterior – e suas pressões externas – e o espaço interior, lugar das pulsões. Esse espaço potencial assegura à criança uma liberdade, um relaxamento em relação a essa dupla pressão. O jogo livre de interações entre a criança e o patrimônio cultural vai permitir que ela cresça, que desenvolva sua autonomia, sua criatividade.

“O direito à metáfora, ao deslocamento, à mudança de ambiente, permite o estabelecimento de uma distância das pressões, das pulsões, para que sejam negociáveis pelo pensamento” (Michèle Petit).

Quando a criança não entende as palavras, vai sonhar com o sentido, sonhar

com as palavras e as sonoridades, vai inventar sentido para as palavras desconhecidas, que a encantam. A criança vai ser uma exploradora do sentido.

2. Deveres dos adultos

2.1. Ler junto: consagrar seu tempo para compartilhar e crescer juntos

Prazer, intimidade, liberdade, respeito pelo percurso, atenção conjunta. Tudo isso significa, para o adulto, doação de tempo. Essa impregnação não pode ser feita sozinha. Essa imersão no mundo do que é contado, no mundo do que é escrito, é uma imersão acompanhada.

Na atualidade, a criança é considerada como alguém com direitos: há a desconstrução da autoridade dos pais em favor da individualidade da criança (Direito de proteção + direito de liberdade). No entanto, a criança, quando considerada um pequeno cidadão, é convocada a se tornar autônoma. Ela pode ser vítima do abandono, pode ser jogada em um mundo que não conhece, onde se sente supérflua. Deverá se autoconstruir sem ter os meios para construir seu lugar no mundo onde foi jogada.

Julgamos ter dado de tudo a uma criança no momento em que colocamos um computador e uma televisão em seu quarto (acesso ao mundo). Mas a criança precisa que o adulto lhe dê um pouco de seu tempo. O reconhecimento da criança como pessoa, como indivíduo, não significa que ela seja um adulto. É preciso deixar que a criança seja uma criança. Autonomia não é sinônimo de independência.

2.2. A criança tem menos necessidade de bens de consumo do que de transmissão cultural

“No início não era o verbo, mas um ente querido com sua presença física, sua voz. No início era o compartilhamento ou o desejo de compartilhar; no início era a aventura, a surpresa, o apelo ao desconhecido; a descoberta de uma língua diferente daquela que

serve para a designação imediata das coisas, das pessoas; a revelação de um outro mundo. Ao representarem tudo isto, os livros se tornam desejáveis. A leitura em voz alta é uma das vias reais de acesso ao desejo de ler, desde que a criança sinta que o adulto deseja compartilhar com ela alguma coisa que goste” (Michele Petit).

“As crianças têm necessidade de adultos mediadores, que dão seu tempo, um pouco de si mesmos, algo profundo, vivo, verdadeiro, que está neles, o gosto pelo mundo e o prazer de compreender e viver nesse mundo” (P. Ben Soussan, pedopsiquiatra).

A leitura com o adulto, mediador de livros, é uma viagem com total liberdade, uma viagem que podemos parar: a

criança tem a liberdade psíquica de parar onde quiser, no momento em que se interroga. Ela pode contar à sua maneira, exercendo uma atividade motora. Essa leitura em liberdade, respeitando o ritmo e o percurso da criança, seus silêncios, suas releituras, vai favorecer o desenvolvimento daquilo que é comum a cada criança, vai permitir que ela se torne o que ela é, o que pode ser.

A leitura com o adulto é uma psique que serve de espelho à criança. Quando ela se manifesta, o adulto se cala. O adulto reconhece a atividade psíquica da criança. A entrada na alteridade deve ser um jogo leve.

Quando lemos coletivamente, para um grupo, para crianças bem pequenas, não estamos na intersubjetividade





e em seu jogo complexo. A criança não se sente um interlocutor. Em uma relação pessoal, a criança toma tempo não só para receber, adaptar-se, interiorizar o que lhe é transmitido, mas também se torna um agente desse patrimônio cultural.

O leitor adulto nunca deve tentar estimular em excesso, ou transformar o livro em uma ferramenta terapêutica, para enfrentar situações de crise. Não estamos em um processo de aprendizagem, mas em um momento de encontro daquilo que é um bem, que é fértil (Nada de bebê performático, mas de um bebê competente!).

2.3 A atenção conjunta

Tudo começa pela linguagem. Cada sujeito constrói sua relação com a linguagem: a psique é colocada em ação pela linguagem, de psique a psique. Depois do “cara a cara”, o olhar conjunto e a leitura em voz alta estimulam a capacidade da criança e a alimentam para desenvolver suas potencialidades.

A leitura individual, em toda liberdade, é uma atividade compartilhada, gratificante. É uma relação autêntica em torno da narração oral, mostrada, cantada, que vai se estabelecer. Aos poucos, torna-se uma relação de intersubjetividade, um reconhecimento recíproco que nasce a partir do momento em que a criança manifesta seu raciocínio apontando a imagem com o dedo, apontando para o objeto representado, que é reconhecido. O adulto para e repete. Quando a criança manifesta seu conhecimento, fazemos uma festa. Gradualmente, a atenção conjunta permite a construção do sentido.

Ao propor a leitura, ao ouvir uma história, convidamos, levamos a criança a se interessar, a seguir na mesma direção. Ela é incentivada a pensar isto, ou aquilo. A criança, por sua vez, leva o adulto a se interessar por alguma coisa importante para ela (*O que é isso?* – esta não é uma questão de vocabulário, é um convite para se aprofundar, um pedido de explicação da criança). A criança en-

tende que existe um sentido no texto, no livro lido.

A atenção conjunta (seguir na mesma direção, se interessar por alguma coisa que é importante para a criança) convida ao diálogo, possibilita o desenvolvimento do diálogo. Se a atenção conjunta não existisse, não poderíamos falar de diálogo e a linguagem não seria possível. Além disso, a escola está centrada na atenção conjunta. A atenção conjunta é o aperitivo antes da escola, antes do aprendizado da leitura.

A relação autêntica com a criança pressupõe que confiemos nela, pressupõe que estejamos disponíveis, descontraídos, prontos para receber, prontos para reagir, capazes de suportar as escapadas, as aventuras e os inevitáveis retornos e recomeços. O adulto deve saber escutar e reconhecer a palavra e as habilidades da criança que se sente, então, escolhida como interlocutor(a): nos dirigimos a ela e somente a ela.

Para que uma criança se torne exploradora do sentido, não se deve ceder à tentação de adaptar o texto da obra, que é um todo: as duas narrativas, as palavras e as imagens, se conotam. É importante a relação de confiança, de benevolência.

2.4 As releituras

A criança exige que se leia um livro com muitas imagens, até se cansar, e até a saturação do adulto: ela quer entender. O adulto lê o texto, respeitando-o, para que a criança, ao ouvir sempre as mesmas palavras, usando as imagens como referência, associe texto e imagens, e termine, assim, por entender as palavras e a história. A criança nunca lê o livro da mesma maneira, mesmo que seja o mesmo texto: ela entendeu certas coisas na primeira leitura, e vai se concentrar em outra coisa na segunda leitura. Ela terá também aprendido com a leitura de outros livros e terá procurado, em outros lugares, outras referências. Levantar hipóteses, associar, unir (palavras entre elas, as palavras das imagens, as palavras das lembranças...) é um exercício que

prepara para a aprendizagem da leitura. O adulto deve aceitar as releituras pedidas pela criança, que entende, muito rapidamente, que há sempre algo incompreendido, para ela, nesse livro que a intriga e encanta.

2.5 Uma imersão acompanhada, um percurso pessoal

Se a leitura para a criança é uma descoberta, também deve ser para o adulto mediador, que vai compartilhar o prazer com a criança. Esse prazer deve ser um prazer contagiante: a leitura não deve ser um “mal necessário”.

Não devemos, tampouco, impor nossas escolhas às crianças, mesmo que possamos, de vez em quando, influenciá-las. Podemos, também, deixar que ela nos guie. O adulto não deve se servir do livro para interrogar a criança, a menos que seja um jogo. (As crianças não devem ser submetidas a um teste de conhecimento). A criança precisa de respostas. As perguntas virão mais tarde. A criança pequena constrói o sentido, mesmo que o sentido não seja correto. Ela constrói o seu sentido. O adulto deve respeitar o percurso, o caminho da criança, que é íntimo e, em geral, ignorado pelo adulto. É preciso ter confiança e respeito à evolução íntima da criança.

Deve-se deixar a criança despertar para o pensamento, psiquicamente, com toda a liberdade, antes de educá-la formalmente. O livro permite o despertar.

“Ao contarmos uma história, na história que lemos, muitas coisas vão germinar e se desenvolver. É uma seiva que pode alimentar toda uma vida espiritual, intelectual e cultural e é extraordinário ver como as coisas podem se enraizar muito cedo, de maneira muito simples. O livro é o lugar de encontros, de encontros muito pessoais. É preciso se livrar de qualquer tentação de querer, a todo custo, ensinar conceitos. Estamos no campo da experiência íntima” (Geneviève Patte).

O que os mediadores de histórias terão depositado agirá como um húmus,

fundador do pensamento, permitindo, assim, a construção de uma base cultural. Essa base vai alimentar, assim, as habilidades das crianças pequenas para o desenvolvimento de suas potencialidades e sua abertura para o mundo.

2.6. Oferecer uma literatura de qualidade

Escolher um livro com muitas imagens: há todo um universo de escritores e ilustradores que contam as histórias, cada um ao seu modo, segundo suas sensibilidades, em duas narrativas que se assemelham, como no livro de imagem. É preciso escolher apostando na diversidade.

Nos livros, por meio das histórias, fábulas, contos que podem ser orais, a experiência humana é transmitida, é transmitida a memória dos homens. Um belo livro é um horizonte que se descortina: o livro permite sonhar acordado.

Muitos livros para crianças mostram apenas, mas não têm nada a dizer. Existe uma literatura pseudopedagógica, entediante, tanto para os que a leem como para os que a recebem, em geral com passividade.

O que dizer dessas ferramentas pedagógicas que tranquilizam o pai comprador, como se a criança tivesse necessidade de um livro para aprender a contar, para conhecer as cores? O que dizer desses livros que apresentam a figura de um elemento e o nome desse elemento logo abaixo, para ensinar as palavras (mesmo se o apontar sobre uma imagem – algo de que não se deve abusar – permite que a criança descubra a representação)?

“Não se trata mais, para o leitor, de *se reconhecer*, através dos processos complexos da identificação, mas de verificar que ele está de acordo com as normas, medindo seu comportamento com o modelo proposto pelos melhores especialistas no assunto” (M. Manuélian). O que dizer sobre a “gadgetização” dos livros para as crianças?

“Um livro, em suma, é um pouco como um brinquedo ou se desculpa por

não sê-lo” (M. Manuélian). No entanto, o aspecto lúdico do livro não deve ser proscrito. Existe uma literatura pseudopsicológica destinada a tranquilizar pais ansiosos que se servem dos livros para responder às supostas perguntas de seus filhos.

O que dizer desses livros com muitas imagens-mensagem, fazendo menção, antes de qualquer coisa, à farmacopeia criada para responder às angústias modernas? Pesadelos, medo de ir para a cama, ciúmes, separação, xixi nas calças, entrada na escola...

O que dizer, em uma palavra, dessa literatura intencional, dessa “literatura mais utilitária que pessoal”, de acordo com a expressão de Joëlle Turin? “Para uma interpretação óbvia (...) outras obras são mais exigentes, menos demonstrativas, escapam a uma significação imposta, exploram bem mais do que uma temática.”

“As crianças são capazes de tantas coisas, bem mais do que pensam os adultos”, observa Anthony Browne.

3. Responsabilidade e dever das bibliotecas

Dever de justiça, responsabilidade de compensação social, acesso de todos à cultura.

“Coloquemos à disposição das crianças, mesmo nos lugares mais inesperados, livros, histórias poéticas, e até mesmo as pessoas mais sérias irão se maravilhar com o que as crianças se maravilham. Este é o caminho mais seguro para que um dia as crianças compreendam o mundo e tenham o desejo de transformá-lo” (René Diatkine, psiquiatra, fundador da A.C.C.E.S.).

3.1. Fazer alianças – Educar mediadores

O trabalho dos bibliotecários não é um trabalho social. Os especialistas em literatura infantil têm a responsabilidade de transmitir e compartilhar seu conhecimento.



É preciso ir além da biblioteca para que haja a possibilidade de uma leitura individual, com toda a liberdade, nos locais de atendimento à primeira infância. É preciso que o livro esteja presente no cotidiano das crianças, sem nenhuma restrição, sem que se procure benefício imediato, e que seja gradualmente desejável.

- Criar parcerias;
- Atingir os pais não-leitores nos locais onde vivem;
- Formar, ou melhor, iniciar, sensibilizar, pois não se trata de deixar acreditar que a leitura em voz alta é assunto de especialistas;
- Animar e participar de sessões de leitura com e entre as crianças pequenas. Não fazer “no lugar de...” mas “fazer com”, para dar vontade de compartilhar;
- Emprestar ou doar livros, pois o livro é a espinha dorsal. “Tentar chegar o mais próximo possível de uma população que não frequenta as media-tecas. Desejando-se, também, que a benevolência em relação às crianças e, sobretudo, seu bem-estar, se estenda a todos os que, aqui ou em outro lugar, não se beneficiam ainda do acesso à cultura, às histórias que vão lhes aju-

dar a crescer” (Martine Fournier, publicado em *l’Enfant du XX^e siècle*).

3.2. Os bibliotecários, aqueles que aconselham livros, que proporcionam o desejo, a vontade de crescer

O livro é um encontro. Os livros não servem a uma coisa qualquer, eles nos acompanham. Os criadores dos livros são artistas que escrevem histórias que encantam as crianças, que constroem pontes. Portanto, nada de histórias para, mas histórias que...

“De tanto dar o conforto e a proteção que aparentemente o leitor espera das histórias que lhe são destinadas, impondo-lhe, para seu bem e, portanto, de boa fé, nossas interpretações ou nossas intenções de adultos, nos arriscamos a privá-lo de um raciocínio livre e criativo, e o transformamos em um macaco ou papagaio... É negar a experiência singular de cada sujeito leitor (no sentido de construir o sentido) e não levar a sério o que a criança tem a dizer” (Joëlle Turin, em *Parole*, 1/2006).

Michèle Petit (socióloga) afirma em *L’Eloge de la lecture*: “cada leitor vai buscar e encontra na sua leitura aquilo de que necessita, esse segredo íntimo entre

as páginas, que permite que cada um possa se descobrir, se conhecer, se construir...”

- Uma boa narrativa é uma narrativa que tem ritmo: o texto deve ter fôlego, um estilo, uma poesia, um ritmo que intrigue e encante a criança, mesmo que seja talvez a linguagem familiar, falada. Não se pode esquecer da função essencialmente poética da narrativa.
- “A qualidade literária de um texto pode ser medida com a diversidade das atividades psíquicas que ele desencadeia”, dizia René Diatkine.
- “Um livro com muitas imagens (álbum) de qualidade propõe uma aventura a ser vivida *por procuração*, suscitando o bem-estar. Essa aventura é um tipo de equilíbrio entre a experiência da criança e o inédito, entre o familiar e o insólito.” (Jean Fabre, criador da editora École des Loisirs).

É evidente que os livros são janelas abertas para o exterior, em direção àquilo que não víamos assim, e é sempre a partir de nosso próprio mundo que acessamos os mundos desconhecidos.

Uma boa narrativa é uma narrativa polissêmica, em que as coisas não são necessariamente ditas, mas induzidas, em que podemos ler nas entrelinhas. Existe, sempre, algo implícito, não-dito, mas sugerido, algumas vezes por imagens. A criança aprende a ler nas entrelinhas, e tanto melhor. Como já vimos, se existem releituras, a criança terá entendido que não se entende tudo de uma primeira vez, que ela está livre para interpretar, para dar sentido, o seu sentido.

As histórias se reescrevem, se adaptam. As narrativas que se transformam ensinam à criança que o patrimônio precioso transmitido pelo adulto é um material para o futuro, uma cultura que se re-inventa.

As imagens têm muita importância, elas são aquilo que a criança vê em primeiro lugar. Ela as reconhece, pois têm uma ressonância. Dão à criança indícios sobre o clima, o lugar, o tempo da

história. Permitem que os mais jovens façam conjecturas sobre um texto que ainda não entendem. Quando as imagens contradizem o texto, é para dizer à criança que tudo pode ser imaginado, que somos livres para dar nosso próprio sentido às palavras escutadas, que somos livres para sonhar.

As palavras “se o livro nos fala, elas devem continuar a ressoar em nossos ouvidos como o barulho das ondas sobre os recifes e a história... repassar sob nossos olhos em milhares de imagens coloridas...” (Robert Louis Stevenson, em *Ensaio sobre a arte da ficção*).

Em resumo: A qualidade e a força de um texto se medem por sua capacidade de despertar imagens, emoções, reflexões, sem com isto desferir uma mensagem... (Claude Hubert-Ganiayre, em *La revue des livres pour enfants*).

Os livros com muitas imagens (álbuns) lidos para a criança são confetes e, ao mesmo tempo, sementes que vão germinar e crescer com ela, instalando

uma base cultural, afetiva, imaginária, sobre a qual será fácil construir.

Os profissionais da leitura, encarregados de monitorar as novidades do dia a dia, têm como missão conhecer a literatura infantil, para poder se localizar na floresta da produção editorial. Devem também ensinar aos profissionais mediadores, com quem se associam, a leitura em voz alta: ensinar a leitura de textos que escolhemos porque gostamos, porque apreciamos. Leituras onde vamos colocar um pouco de nós mesmos, sem teatralizar muito, para não mascararmos a obra de um ou de vários autores.

As bibliotecas também têm como responsabilidade acolher e receber bem em seu espaço, que deve ser um lugar atraente. O objetivo da biblioteca não é de colocar a leitura em guetos, mas esses templos de leitura devem ser locais amigáveis, de integração, onde os profissionais da leitura terão como objetivo valorizar, apresentar as obras e colocar água na boca dos leitores.



A tradução foi feita diretamente do áudio do francês para o português por Márcia Sobreiro e revisado por Elda Nogueira, Elizabeth Serra e Magda Frediani. Este texto será publicado também pela Superintendência de Bibliotecas Públicas/Unidade da Secretaria de Cultura de Minas Gerais e pela Fundação Biblioteca Nacional.



Grande Vitória dos que trabalham em prol das Bibliotecas nas escolas: Até 2020 todas as Instituições de Ensino deverão ter Bibliotecas

O presidente Lula publicou no Diário Oficial da União, do dia 25 de maio, a Lei Federal nº 12.244/2010, que determina que as instituições de todos os sistemas de ensino tenham um espaço com acervo de livros de, no mínimo, um título por aluno matriculado. Cada sistema deverá adaptar o acervo conforme sua realidade, além de divulgar orientações de guarda, preservação, organização e funcionamento das bibliotecas escolares. O prazo para instalação dos espaços destinados a livros, material videográfico, documentos para consulta, pesquisa e leitura é de dez anos. Para que se consiga cumprir a lei será necessário construir mais de 20 bibliotecas por dia.

Segundo o Censo Escolar de 2009, no Brasil, pouco mais de um terço (52.355) das 152.251 instituições de ensino fundamental das redes pública e privada dispõem de biblioteca. Já o diagnóstico realizado pelo movimento *Todos pela Educação*, com base em dados do Censo da Educação Básica de 2008 aponta que o déficit de bibliotecas no ensino fundamental é de 93 mil. Desse total, 89,7 mil são escolas públicas e 3,9 mil, estabelecimentos privados de ensino. Na educação infantil, apenas 30% dos colégios têm acervo e será necessário criar 21 bibliotecas por dia para cumprir o que

determina a nova lei. A melhor situação é a do ensino médio: número de escolas sem biblioteca é de 3.471. Para Luis Norberto, do Comitê Gestor do *Todos pela Educação* “Essa dificuldade é decorrente da falta de visão do Brasil sobre a importância da biblioteca. No mundo todo as bibliotecas são doadas por mantenedores que têm uma alegria imensa de poder doar um acervo”.

A FNLIJ, em seus 42 anos de existência, trabalha para que a biblioteca tenha seu espaço em todas as instituições de ensino e que estas bibliotecas tenham acervo de qualidade e profissionais qualificados para trabalhar com esse acervo. Além de implantar juntamente com o Instituto Ecofuturo as Bibliotecas Comunitárias Ler é Preciso em várias regiões do Brasil, a FNLIJ divulga a importância da biblioteca em seus eventos. No *Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens*, por exemplo, desde a sua primeira edição, em 1999, sempre existiu a presença da biblioteca, com o objetivo de valorizar, junto aos visitantes, o espaço da Biblioteca da Escola e a Pública como local de uso coletivo de livros e garantia de acesso democrático à cultura escrita. Para a 12ª edição do *Salão FNLIJ do Livro* foram montadas quatro bibliotecas para diferentes públicos (bebê, criança, jovem e educador).

Neste ano, durante a Festa Literária Internacional de Parati – FLIP que, acontece de 04 a 08 de agosto, uma das atrações será a *Casa Brasil Literário*, que abrigará informações sobre o *Movimento por um Brasil Literário - MBL*, reuniões com autores, especialistas e jornalistas e terá espaço para debates sobre a importância da leitura literária. Haverá também um ponto permanente para adesão ao MBL. Para aderir ao MBL, basta acessar o site www.brasilliterario.org.br

Mais livros doados para projetos de incentivo à leitura

Os votantes da FNLIJ, que recebem anualmente das editoras, exemplares de livros para seleção do *Prêmio FNLIJ*, após a avaliação doam essas obras para entidades que desenvolvem projetos de leitura. A votante Sueli de Souza Cagneti, de Joinville, Santa Catarina, doou 400 livros para o Núcleo de Assistência Integral ao Paciente Especial - NAIPE, Unidade de referência da Secretaria Municipal da Saúde de Joinville.

Já a votante Iraídes Maria Pereira Coelho, do Rio de Janeiro, doou livros para as seguintes entidades: Pró Criança Cardíaca (RJ); Universidade Salgado de Oliveira, projetos: Corujão da Poesia – Universo da Leitura e Bibliotecas Solidárias – Universo da Leitura (RJ); Escolas Municipais Carlos Vanderson Gonçalves Pereira e Ismênia de Barros Barroso em Saquarema (RJ); Instituto Nacional do Câncer – INCA (RJ) e para a criação de uma biblioteca em Porto de Areia, no município de Tutoio, Maranhão.

A votante Rosa Cuba Riche também fez doações de livros para: a Associação de Apoio a Criança com Neoplasia (RJ); o CEPETIN – Centro de Pesquisa e Estudo do Teatro Infantil (RJ) e para bibliotecas do interior do estado de Roraima.

Coluna Livros & Literatura homenageou Lobato no mês de abril

A votante da FNLIJ Neide Medeiros Santos, em sua coluna *Livros & Literatura*, do Caderno B, de 23 a 29 de abril de 2010 (Paraíba), publicou uma bela homenagem à Monteiro Lobato, no mês de comemoração da data alusiva ao Dia Nacional do Livro Infantil, 18 de abril, dia de nascimento do principal autor brasileiro para crianças e jovens. Parabéns Neide por nos trazer sempre importantes informações nesta coluna!

Movimento por um Brasil Literário terá casa na FLIP 2010

O ilustrador Gian Calvi comemora 50 anos de trabalho

A FNLIJ se uniu às comemorações pelos 50 anos de trabalho como ilustrador do artista Gian Calvi, apresentando uma singela homenagem no 12º Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens.

Gianvittore Calvi nasceu em Bérgamo, Itália, mas reside no Rio de Janeiro desde 1949. Um artista múltiplo que, simultaneamente, desenvolve várias atividades que vão desde a ilustração, publicidade, filatelia, literatura infantil e juvenil e educação à coordenação de programas de responsabilidade socioambiental.

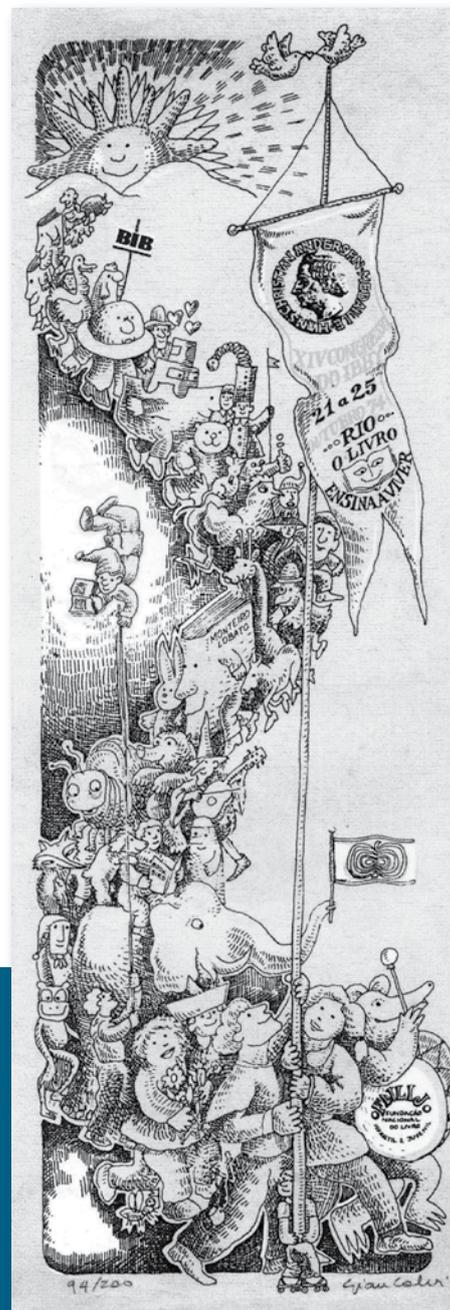
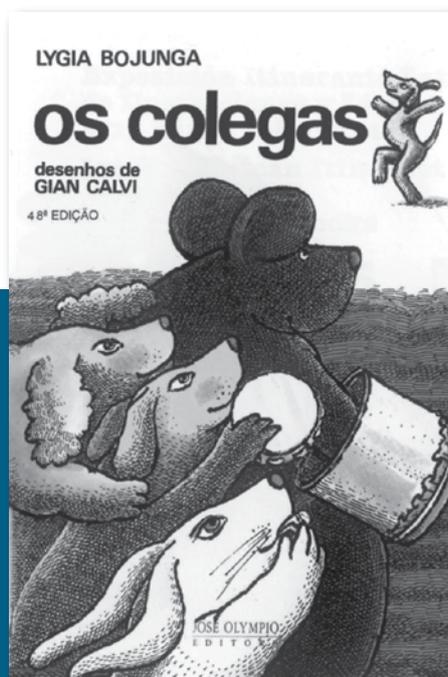
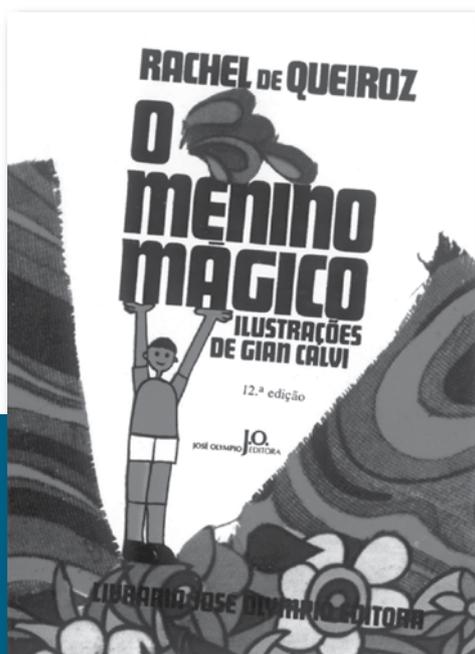
Como ilustrador, Gian Calvi acompanhou desde o início o trabalho da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e já em 1969, foi indicado por esta instituição para compor o júri da Bienal de Ilustrações de Bratislava, além de participar como expositor, com oito ilustrações do primeiro livro infantil de Rachel de Queiroz, *O menino mágico*, editado pelo José Olympio que, no ano seguinte, recebe o Prêmio Jabuti. Em 1971 recebe o Prêmio INL

de ilustração por seu trabalho para *Os Colegas*, livro que revelou Lygia Bojunga e que foi editado, em 1972, pela Sabiá. No ano seguinte este livro ganha o Jabuti.

Gian Calvi criou o cartaz do XIV Congresso do IBBY, realizado pela FNLIJ no Rio de Janeiro, em 1974. Também criou o catálogo da 12ª Feira do Livro de Bolonha e o *Selo de Ouro*, no qual a Fundação distinguia os livros como *Melhor para a criança*.

Um avião e uma viola, de Ana Maria Machado, ilustrado por ele, da editora Melhoramentos, foi o ganhador do Prêmio Norma/1982, do Centro Cultural UNESCO de Tóquio.

O ilustrador também foi o responsável pelo planejamento gráfico e pelas ilustrações dos materiais de apoio e divulgação do projeto *Ciranda de Livros*, projeto que distribuiu livros de literatura infantil e juvenil para todo o país, desenvolvido pela FNLIJ em parceria com a Fundação Roberto Marinho e Hoechst do Brasil nos anos de 1982 a 1985.



Ferreira Gullar ganha o Prêmio Camões 2010

Uma das mais importantes premiações literária da língua portuguesa, o *Prêmio Camões*, foi concedido neste ano ao poeta brasileiro Ferreira Gullar.

Na coletiva de imprensa, a ministra portuguesa de Cultura, Gabriela Canavilhas declarou: “É para um grande homem da lusofonia que o Prêmio Camões rende homenagem”.

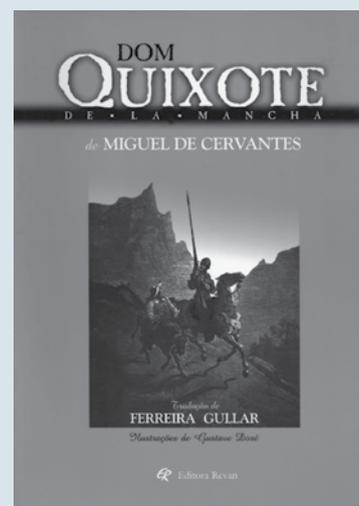
Nascido no dia 10 de setembro de 1930, José Ribamar Ferreira, conhecido como Ferreira Gullar, é “poeta, dramaturgo, cronista e tradutor, considerado entre as 100 personalidades brasileiras mais influentes na atualidade”, disse Canavilhas que também destacou a importância de Gullar por sua atividade cívica e política como cidadão e autor.

Ferreira Gullar publicou sua primeira coletânea de poemas em 1949. *Dentro da noite veloz* e *Poema sujo*, da década de 1970, figuram entre suas obras mais famosas.

Ferreira Gullar já recebeu o *Prêmio FNLIJ* algumas vezes. Em 1997, *Melhor Tradução Criança*, com *Fábulas*, de La Fontaine, editora Revan; Em 2000, *Melhor Poesia*, com *Um gato chamado gatinho*, editora Salamandra; Em 2003, *Melhor Tradução Jovem*, com *Dom Quixote de la Mancha*, de Miguel de Cervantes Saavedra, editora Revan; Em 2009, *Melhor Poesia*, com *Livro das perguntas*, de Pablo Neruda, editora Cosac Naify.

O *Prêmio Camões*, de 100 mil euros, foi criado em 1988 por Portugal e Brasil para homenagear autores lusófonos que tenham contribuído para enriquecer o patrimônio cultural e literário de língua portuguesa.

O prêmio foi outorgado antes aos portugueses Antonio Lobo Antunes (2007) e José Saramago (1995), ao brasileiro Jorge Amado (1994) e ao angolano Pepetela (1997).



Veja a versão on-line do Notícias no site www.fnlij.org.br

MANTENEDORES DA FNLIJ

Abrelivros, Agência Literária Riff, Agir, Aletria, Artes e Ofícios, Ática, Autêntica, Barsa Planeta Internacional, Berlendis, Bertrand Brasil, Biruta, Brinque-Book, Callis, CBL, Centro da Memória da Eletricidade no Brasil, Ciranda Cultural, Companhia das Letrinhas, Companhia Editora Nacional - IBEP, Cortez, Cosac Naify, DCL, Dimensão, Doble Informática, Duna Dueto, Edelbra, Ediouro, Editora 34, Editora do Brasil, Escala Educacional, Elementar, Florescer, FTD, Fundação Casa Lygia Bojunga, Girafinha, Girassol Brasil, Global, Globo, Guanabara Koogan, Iluminuras, Imperial Novo Milênio, Jorge Zahar, José Olympio, Jovem, Larousse do Brasil, Lê, Littere, L&PM, Manati, Manole, Marcos da Veiga Pereira, Martins Editora, Mazza, Melhoramentos, Mercuryo Jovem, Moderna, MR Bens, Mundo Mirim. Nova Alexandria, Noovha América, Nova Fronteira, Objetiva, Pallas, Panda Books, Paulinas, Paulus, Peirópolis, Pinakothek Artes, Planeta do Brasil, Positivo, PricewaterhouseCoopers, Projeto, Prumo, Record, RHJ, Ridell, Rocco, Roda Viva, Rovelle, Salamandra, Salesianas, Saraiva, Scipione, SM, SNEL, Studio Nobel, Uni Duni, WMF Martins Fontes, Zit.

EXPEDIENTE Fitolito e Impressão: PricewaterhouseCoopers • Editor: Elizabeth D'Angelo Serra • Redação: Volnei Cunha Canônica – CONRERP-RS 2291 • Revisão: Lucília Soares • Diagramação: Zero Produções • **Gestão FNLIJ 2008-2011** • **Conselho Curador:** Alexandre Martins Fontes, Carlos Augusto Lacerda, Laura Sandroni, Luiz Alves Junior, Sonia Machado Jardim, Suzana Sanson. **Conselho Diretor:** Gisela Pinto Zincone, (Presidente), Ísis Valéria Gomes e Alfredo Gonçalves. **Conselho Fiscal:** Henrique Luz, Marcos da Veiga Pereira e Terezinha Saraiva. Suplentes: Jorge Carneiro, Mariana Zahar Ribeiro e Regina Bilac Pinto **Conselho Consultivo:** Alfredo Weiszflog, Ana Ligia Medeiros, Annete Baldi, Beatriz Hetzel, Cristina Warth, Eduardo Portella, Eny Maia, Ferdinando Bastos de Souza, Jefferson Alves, José Alencar Mayrink, José Fernando Ximenes, Lília Schwarcz, Lygia Bojunga, Maria Antonieta Antunes Cunha, Paulo Rocco, Propício Machado Alves, Regina Lemos, Rogério Andrade Barbosa, Silvia Gandelman e Wander Soares • **Secretária Geral:** Elizabeth D'Angelo Serra.

Associe-se à FNLIJ e receba mensalmente Notícias.

Tel.: 21 2262-9130

e-mail: fnlij@fnlij.org.br

www.fnlij.org.br

Apoio:

PRICEWATERHOUSECOOPERS 

Rua da Imprensa, 16 - 12º andar cep: 20030-120 Rio de Janeiro - Brasil Tel.: (0XX)-21-2262-9130 Fax: (0XX)-21-2240-6649 E-mail: fnlij@fnlij.org.br

IMPRESSO